

GALA DOS 30 ANOS DA UEM

Uma homenagem em dó maior

JÚLIO MANJATE

A ACTUAÇÃO soberba do músico Jimmy Dlodlu na gala dos 30 anos da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) é apenas um, dos vários motivos que a maior universidade pública de Moçambique tem para se orgulhar da sua longevidade.

A abrir a gala, um extrac-to do discurso proferido a 1 de Maio de 1976 pelo então presidente da República Popular de Moçambique, Samora Machel, foi suficiente para elucidar a plateia presente na última sexta-feira no Centro Cultural Universitário sobre a génese da designação da Universidade Eduardo Mondlane. Durante cerca de três minutos, o registo da voz de Samora Machel encheu a sala para explicar parte das motivações que nortearam a decisão de mudar o nome de Universidade de Maputo para Eduardo Mondlane, aquela que em tempos foi a Universidade de Lourenço Marques.

Num espectáculo onde a música, a dança e a poesia estiveram de mãos dadas, coube ao Coral da UEM abrir alas a uma festa que viria a durar cerca de duas horas.

"Vinde, vinde moçambicanos, exaltemos Mondlane...!"

Familiar à grande parte dos presentes na gala, este poema foi superiormente cantado pelo grupo sugerindo uma espécie de recuo para os tempos áureos da revolução, em que os valores do patriotismo eram transmitidos e comungados também pela via da canção e dança.

Com um jogo de som e luz à altura do evento, cedo chegou a hora e vez de Tânia Tomé subir ao palco com um poema sobre Eduardo Mondlane, mais uma razão para explicar a relação desde grande Homem com tão importante e significativa instituição. Na verdade, era necessário explicar

tudo isso, contar esta história às gerações que dela precisam se apoderar, para melhor interpretar o mundo à sua volta.

Depois veio a dança, num misto de Marrabenta e Tufo interpretados por um grupo de jovens que também conseguiu fazer passar a ideia da relação de compromisso que há entre o Homem e a Mulher, como há entre o gesto e a dança.

Intercalando o tufo e a marrabenta, o grupo arrancou aplausos merecidos pela mestria com que deixou em claro a importância que a dança tem na construção da identidade dos povos, na edificação da unidade nacional.

O músico Humberto Benfica, Wazimbo de nome artístico, também se fez à festa acompanhado de Hortêncio Langa, outra "alma" da música ligeira moçambicana, para interpretar "Eduardo Mondlane", um velho clássico que não passou despercebido para os amantes da música produzida no nosso país.

Na hora de prestar homenagem a algumas das figuras que se notabilizaram ao longo dos 30 anos de percurso da Universidade Eduardo Mondlane, o reitor Brazão Mazula começou por situar o actual estágio de desenvolvimento da instituição que dirige, referindo-se aos novos desafios, sobretudo de expansão e de melhoria da qualidade de ensino.

Também falou da evolução que a universidade está a registar, tanto em termos de cursos que ministra, como em termos de corpo docente nacional, sempre numa visão comparativa em relação aos primeiros anos após a proclamação da independência nacional.

Entre as personalidades convidadas a subir ao palco para receber os galardões figuram Samora Machel e Eduardo Mondlane, a título

póstumo. Também foram galardoados Janet Mondlane, viúva de Eduardo Mondlane, e um grupo de representantes de países como a Itália, Austrália, Cuba, Portugal, Suécia e outros parceiros da instituição, como são os casos da Fundação Goulbenkian e da Fundação Ford, só para citar alguns.

Também foram destacadas as figuras dos antigos Reitores da Universidade Eduardo Mondlane no pós-independência, nomeadamente Fernando Ganhão, Rui Baltazar dos Santos Alveise Narciso Matos, embora na altura nenhum deles estivesse presente na sala.

A HORA E A VEZ DE JIMMY DLUDLU

A actuação de Jimmy Dlodlu, músico moçambicano radicado na África do Sul, já era aguardada com alguma expectativa pelos presentes, que se aperceberam da sua presença na

festa a partir do programa colocado à disposição dos convidados à entrada.

Jimmy Dlodlu, refira-se, veio ao país especialmente para abrilhantar a festa dos 30 anos da UEM, o que foi possível graças ao apoio prestado por algumas empresas moçambicanas que acederam ao pedido de apoio previamente feito pela direcção da universidade.

Igual a si mesmo, Jimmy Dlodlu nunca deixou que o público adormecesse na sala, segurando-o e controlando as suas emoções através do som da sua guitarra, devidamente acompanhada pelo resto da banda que, uma vez mais, deu mostras de uma grande maturidade, própria de um grupo que há muito automatizou os seus mecanismos de comunicação interna.

"I wish I knew", "Iyoni ya phapha", "Basil goes to Church" e "Mdantsane" são alguns dos temas que fazem parte do álbum *Afrocentric*, que Jimmy Dlodlu preferiu chamar à festa da UEM, sem

falar de outros temas que integram outros dois álbuns, com os quais electrizou permanentemente a plateia.

Exibindo um à vontade próprio de quem se sente efectivamente em casa, Jimmy Dlodlu convidou, por diversas vezes, o público a acompanhá-lo nalgumas das canções que interpretou, ao mesmo tempo que foi encontrando momentos para deixar em claro os seus dotes de bom guitarrista, desafiando, por exemplo, o público a imitar alguns sons que ia produzindo com a sua "guitarra feiticeira".

Rapidamente, a plateia descolou, das cadeiras para "quebrar o esqueleto" ao som da boa música que não parava de "descer" do palco.

Brazão Mazula, Aires Aly, Janet Mondlane, Eduardo Mondlane Júnior entre outras personalidades presentes, não se fizeram de rogados e aproveitaram o escasso espaço disponível entre as cadeiras e o palco para dar gosto ao pé. Este há-de ter

sido dos momentos mais contagiantes do espectáculo, particularmente estimulado pelo próprio Jimmy que naquela sexta-feira dançava com visível alegria, enquanto invadia os corações da audiência com a sua guitarra.

Quando tudo indicava que o espectáculo tinha terminado, o público reagiu e pediu "Mais uma, mais uma, mais uma". Solícito, Jimmy respondeu "Ok. Ofereço-vos mais uma. É para mim um prazer tocar para os moçambicanos...". E foi, outra vez a explosão. Uma explosão musical que durou por mais 10 minutos, sensivelmente. No fim, ninguém parecia disposto a sair da sala.

Aliás, muitos até saíram, mas tantos outros ainda procuraram formas de fazer uma fotografia com o grande Jimmy, de pedir um autógrafo, enfim, estar perto da estrela. E muitos conseguiram porque naquele dia, Jimmy era para todos. Era para os seus fãs.

